

O PAPEL DO PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: DESENCADEADOR OU
INIBIDOR DA ANSIEDADE LINGUÍSTICA?

*THE ROLE OF THE FOREIGN LANGUAGE TEACHER: TRIGGERING OR
INHIBITOR OF LINGUISTIC ANXIETY?*

Alcides Hermes Thereza Jr
(Universidade Estadual de Goiás/UEG)

RESUMO: Este artigo traz uma reflexão sobre o papel do professor de língua estrangeira como desencadeador ou inibidor da ansiedade linguística na sala de aula. Por meio de uma breve revisão na literatura, pautada, sobretudo, em estudos realizados no exterior, mostramos que as ações do professor podem ora servir como um fator desencadeador, ora inibir a ansiedade de seus alunos. O estudo revela que o professor precisa estar atento as ações que podem contribuir para elevar ou diminuir a ansiedade no processo de aprendizagem de uma LE.

PALAVRAS-CHAVE: Ansiedade. Aprendizagem de língua estrangeira. Papel do professor

ABSTRACT: *This article brings a reflection upon the role of the foreign language teacher as a triggering or inhibitor of linguistic anxiety in the classroom. A brief literature review, carried out in foreign studies, showed that the teacher's actions may trigger or inhibit his students' anxiety. The study shows that the teacher must be aware of the actions that may contribute to raise or decrease the anxiety in the foreign language learning process.*

KEYWORDS: *Anxiety. Foreign language learning. Teacher's role*

Introdução

O presente trabalho busca verificar, através de uma breve revisão na literatura de Linguística Aplicada, dentro da área de ensino e aprendizagem de línguas, seja em contexto de segunda língua ou língua estrangeira, sobre o papel do professor de língua estrangeira como promotor ou inibidor da ansiedade linguística de seus alunos. Além disso, faz-se necessário definir o conceito de ansiedade, bem como, relatar alguns trabalhos significantes a respeito desse tema no Brasil e, também, no exterior.

Os textos usados como fonte desse trabalho não tratam especificamente da aprendizagem da língua inglesa. Além disso, usarei o termo língua estrangeira como sendo sinônimo de segunda língua.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que a grande maioria das pesquisas a respeito da ansiedade na sala de aula de língua estrangeira enfoca a ansiedade do aluno, deixando de lado a ansiedade do professor. Não é minha

intenção tratar do assunto da ansiedade do professor, apenas objetivo encontrar, em uma breve revisão nas pesquisas sobre aprendizagem de língua estrangeira, subsídios que esclareçam que as ações dos professores de LE podem ora desencadear ou inibir a ansiedade linguística em sala de aula.

A ansiedade na sala de aula

Utilizarei nesse trabalho a definição de Scovel (1978) que definiu ansiedade como sendo um estado de apreensão, um medo vago associado apenas indiretamente a um objeto.

Nos últimos vinte e cinco anos, as pesquisas na área de aquisição de uma língua estrangeira têm analisado o papel dos fatores afetivos que podem influenciar no processo de aprendizagem. Dentre eles, Brown (1993) cita os seguintes fatores: auto-estima, inibição, ansiedade, empatia, extroversão e motivação.

A questão da ansiedade no contexto de aprendizagem de LI tem sido estudada na área de Linguística Aplicada, pois este tem sido um fator que pode limitar o sucesso e a proficiência dos aprendizes. Diversos trabalhos analisam seu impacto na aprendizagem. Dentre eles, destaco os seguintes: Scovel (1978), Steinberg; Horwitz, Horwitz, Horwitz; Cope (1986) Horwitz; Young (1991), MacIntyre; Gardner (1991b) e (1994b), Cunha (1997), Mastrella (2002), Lim (2004), Cunha (2005) e Wang (2005).

Segundo MacIntyre e Gardner (1991c), a ansiedade pode se manifestar em vários níveis. Ela pode ser caracterizada como *trait anxiety*, que é uma predisposição geral a se tornar ansioso, ou ainda como *state anxiety*, também chamada *situational anxiety*, que está relacionada à ansiedade experimentada em um determinado momento ou situação.

Dentro do contexto de sala de aula de língua estrangeira ainda existe a chamada *foreign language anxiety*, ansiedade de língua estrangeira, que é uma espécie de *situational anxiety*, pois o uso de uma língua na qual sua fluência é limitada constitui-se numa ameaça ao ego do aprendiz. A ansiedade linguística segundo Horwitz (1986) é uma forma distinta de ansiedade expressa em resposta à aprendizagem de línguas.

Por se tratar de uma ansiedade característica da sala de aula de língua estrangeira, faz-se necessário destacar algumas pesquisas que relatam situações

em que esse sentimento pode ser gerado a partir das atitudes do professor, quer dizer, suas ações em sala, a forma com que trata seu aluno, sua forma de passar instruções, seu modo e o momento de corrigir seus alunos e, ainda, como ele enxerga o erro em sala de aula.

O professor de línguas: um dos fatores desencadeadores da ansiedade linguística

A ansiedade experimentada no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira pode envolver três aspectos de acordo com Horwitz et al. (1986) quais sejam: apreensão na comunicação causada pela falta de habilidade em expressar suas opiniões e pensamentos; medo de uma avaliação social negativa, causada pela necessidade em se causar uma boa impressão para os outros (dentre eles o professor); e ansiedade a provas ou avaliações acadêmicas. Utilizando o modelo de Tobias sobre os efeitos da ansiedade na aprendizagem, MacIntyre e Gardner (1994b) afirmaram que a ansiedade se faz presentes nos três estágios no processo de aquisição de segunda língua: *input*, *processing* e *output*.

Vale destacar que o professor participa de todos os estágios citados por MacIntyre e Gardner (1994b) e de uma das situações citadas por Horwitz et al. (1986). Ao abordar o tema da aula e explicar um tópico gramatical qualquer, temos o *input*. Durante o estágio de *processing*, o professor pode interromper a prática para a correção da pronúncia dos participantes ou da estrutura da língua. Mesmo durante o estágio de *output*, que é o momento em que os alunos fazem a produção do que foi ensinado na aula, podemos dizer que, mesmo de forma indireta, existe a interferência do professor, pois os alunos podem se sentir ansiosos na medida em que têm a preocupação de impressionar o professor e/ou os colegas. Dessa forma, temos que a ansiedade dos alunos pode ser detonada pelas ações conscientes, ou inconscientes, do professor.

De acordo com Cheng (2005), a personalidade e os atributos do instrutor podem afetar a ansiedade linguística. As crenças dos professores para com o ensino de línguas têm sido mencionadas como prováveis fontes de ansiedade linguística. O estudo de Price (2001, apud Cheng, 2005), mostrou que os instrutores tinham um papel fundamental no nível de ansiedade que os alunos experimentavam em sala.

Todos os alunos guardam lembranças nítidas de seus professores do passado e suas atitudes em sala. Em alguns casos, os instrutores tinham aliviado a ansiedade de seus alunos, mas, ao contrário, algumas atitudes dos professores elevaram ansiedade dos alunos (CHENG, 2005, p. 35)

O estudo de Cheng (2005), sobre a relação entre as atitudes do instrutor e a ansiedade linguística dos alunos, indicou que alguns professores provocavam ansiedade em seus alunos.

Os alunos acreditavam que os professores que mais os deixavam ansiosos eram os que davam nota a cada redação do aluno, que exigiam que os alunos escrevessem e falassem obedecendo certas regras, que constantemente verificavam a compreensão do livro fazendo perguntas, e que insistiam para que os alunos respondessem as perguntas (CHENG, 2005, p. 36).

As descobertas encontradas por Bekleyen (2004), após analisar os dados obtidos de entrevistas, questionários, auto-relatos e entrevistas de 115 participantes, revelaram que os comportamentos de professores e pares podem aumentar ou diminuir o nível de ansiedade na sala de aula de língua. Segundo esse autor, o relacionamento professor-aluno é um fator que afeta o nível de ansiedade dos alunos.

Em seu estudo, Lim (2004) constatou que algumas condições de instrução parecem afetar o nível de ansiedade linguística em sala. Ele afirma ainda que embora vários estudos concluíssem que algumas técnicas e atividades provocam ansiedade entre os alunos. Por outro lado, esse assunto deve ser tratado com cautela, pois os dados de Koch e Terrel (1991) apontam que 40% dos participantes da pesquisa afirmaram não sentir muita ansiedade quando eram argüídos pelo professor.

Essa constatação revela que as atitudes dos professores de língua estrangeira em sala podem fazer com que os alunos sintam-se ansiosos durante a aula. Cunha (1997) afirma que muito do que acontece, dizemos e fazemos, apesar de nossa boa intenção, pode provocar em alguns aprendizes, sentimentos de temor e ansiedade.

A sala de aula de língua estrangeira pode ser considerada um espaço propício a ansiedade na medida em que a comunicação deve ser mantida por meio

de um idioma alvo em que, independente do nível da turma, os alunos não se consideram proficientes o bastante ao tomarem como modelo o falante nativo.

Por esse motivo, o professor deve preocupar-se com a criação de um ambiente favorável a aprendizagem, pois do contrário, suas atitudes podem elevar o nível da ansiedade de seus alunos. Um ambiente favorável requer atitudes do professor que permitam que os alunos sintam-se confortáveis e dispostos a se expor durante a aula.

Ainda com relação às atitudes do professor em sala e seu impacto na ansiedade dos alunos, Palacios (1998, apud Lim, 2004, p.56) constatou que ela está negativamente relacionada com a quantidade de apoio e suporte do professor.

Quanto mais o professor conversa abertamente com os alunos, mais os alunos sentem que o professor confia neles, e quanto mais o professor demonstra interesse nas idéias dos alunos, menos ansiedade os alunos experimentam em sala. Quando o professor cria um ambiente de sala de aula onde, os alunos podem conectar-se uns com os outros, exista menos competição, tenha uma orientação clara sobre a atividade, os alunos podem diminuir seus níveis de ansiedade.

O trabalho de Young (1991, apud Wang, 2005), após um profundo estudo de revisão sobre as possíveis fontes de ansiedade linguística, concluiu que as crenças do instrutor sobre o ensino de língua, suas interações com o aprendiz e seus procedimentos em sala fazem parte das seis categorias consideradas fonte de ansiedade em sala. Vale ressaltar que Young (1991) parece adotar o termo instrutor como sinônimo de professor.

Sendo assim fica evidente que as crenças dos professores podem influenciar suas atitudes em sala no que diz respeito à forma pela qual ele fornece instruções aos alunos. Segundo Young (1991, apud Lim, 2004) ao comportar-se como um *sargento de treinamento* (minha tradução para sergeant drill), o professor pode fazer com que os alunos sintam-se mais ansiosos em sala. Segundo Brandl (1987, apud Lim, 2004) os professores, que acreditavam na crença de distanciamento na relação aluno-professor, concordavam que a intimidação era um motivador necessário.

Os trabalhos mencionados reforçam que o professor de línguas além de exercer a função de detonador da ansiedade linguística em sala de aula, também faz com que seus alunos experimentem um nível maior de ansiedade. Apesar das

pesquisas mencionadas nesse trabalho apontarem o professor como uma fonte promotora da ansiedade em sala, outras revelam que o professor pode, também, diminuir o nível da ansiedade linguística em sala.

O professor e seu papel de inibidor da ansiedade linguística

Rodrigues (1997, apud Rodríguez; Delgado, 2008) ao ir além do trabalho feito por Young (1991), afirma que os professores de inglês foram capazes de reduzir o nível da ansiedade de seus alunos por meio de uma postura amigável em sala, tendo bom humor e preparando bem suas aulas.

A pesquisa de Rodríguez e Delgado (2008), realizada com 56 alunos venezuelanos, matriculados na disciplina Inglês Intensivo I, em uma universidade venezuelana, revelou que, por meio de diálogos e trabalhos em grupo, jogos em sala, piadas, sendo amigáveis, dinâmicos, e mantendo uma postura compreensiva, paciente e com bom humor, os professores conseguiram diminuir o nível de ansiedade experimentada pelos alunos.

A partir de seu trabalho com crianças, Ariza (2004) desenvolveu ferramentas, que permitem que os professores de línguas ajudem seus alunos superar suas ansiedades e resistências para com a aprendizagem de segunda língua.

Segundo Ferus (2004), Ariza propõe três princípios para se criar uma sala de aula sem ameaça e com baixo nível de ansiedade:

O primeiro é conhecer seus alunos. Dessa forma os alunos sentem-se importantes e queridos pelo professor, criando assim uma zona de conforto maior e um ambiente de aprendizagem amigável ao aluno. O segundo é adaptar-se a seus alunos. O terceiro ponto que Ariza propõe é dar aos alunos oportunidades para experimentarem o sucesso (FERUS, 2004, p. 22).

Depois de incorporar esses três fatores e colocá-los em prática, o professor será capaz de diminuir os níveis de ansiedade de seus alunos, permitindo que eles superem suas resistências com relação à aprendizagem de uma segunda língua. (Ariza, 1999, apud Feruz, 2004).

As sugestões de Ariza para criação de um ambiente com baixo nível de ansiedade em momento algum refere-se à abordagem metodológica do professor,

ou faz menção a qualquer uso de atividade ou estratégia de aprendizagem. Elas dizem respeito apenas às atitudes do professor, que visam um melhor relacionamento com seus alunos.

Esse tipo de comportamento do professor em querer conhecer seu aluno, importar-se com ele para que, dessa forma, possa adaptar-se a ele, assemelha-se ao que Luckesi (2002) diz com relação a acolher seu aluno e aceitá-lo como ele é:

Assim, manifesta-se o ato amoroso consigo mesmo e com os outros. O mandamento “ama o teu próximo como a ti mesmo” implica o ato amoroso que, em primeiro lugar, inclui a si mesmo e, nessa medida, pode incluir os outros. Por acolher a situação como ela é, o ato amoroso tem a característica de não julgar (LUCKESI, 2002, p. 171)

A adoção desse tipo de comportamento acolhedor, que busca conhecer o aluno na sua essência, mostra uma maneira do professor observar seus alunos. Dessa forma, seus temores e dificuldades são considerados importantes e, por isso, levados em consideração. Por meio desse novo olhar para a sala de aula e, em consequência, para com os alunos, os professores podem estar aptos a reconhecer a ansiedade linguística e buscar formas de minimizá-la. Esse é o primeiro passo em direção a um ambiente de aprendizagem favorável onde professores e alunos obtenham o melhor do processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira e, assim, alcancem seus objetivos pessoais e profissionais.

O reconhecimento da ansiedade linguística em sala de aula

O professor de língua, seja ela, estrangeira ou segunda língua, lida em sala de aula, com diversos fatores cognitivos e afetivos que podem interferir no processo de aprendizagem dos alunos de forma a conduzi-los ao sucesso, bem como, ao fracasso. Reconhecê-los é o primeiro passo em direção a uma prática eficaz e, por conseguinte, essa postura pode fazer com que os alunos alcancem uma aprendizagem bem sucedida.

A ansiedade é um dos fatores afetivos que podem causar impacto na aprendizagem de uma língua estrangeira. Diversas pesquisas realizadas no Brasil, das quais destaco, Cunha (1997, 2005); Mastrella (2002); Castro e Silva (2007) confirmam que, na maioria dos casos, a ansiedade linguística, por se tratar de uma

ansiedade específica da sala de aula de LI, pode interferir de forma negativa na aquisição proficiente de um idioma.

Segundo Arnold (2001 apud Castro e Silva, 2007, p. 55), a afetividade pode ser dividida, em uma sala de LE, em o que acontece dentro das pessoas, ou seja: “aqueles aspectos que são internos do aprendiz, e são parte de sua personalidade – e o que acontece entre as pessoas, que seriam os aspectos que lidam com o lado de interação do processo de aprendizagem de línguas”.

A ansiedade é uma variável afetiva interna do aprendiz que ao lidar com uma situação de aprendizagem na qual sente que sua integridade está sob ameaça, pode vir a tona e tornar-se visível aos olhos do professor.

Segundo Cunha (1997), os professores sentem de forma intuitiva que a ansiedade é um fator interveniente no processo de aprendizagem e inibidor de desempenho.

Ser intuitivo não basta. É preciso estar atento aos sinais da ansiedade do aluno. Horwitz, Horwitz e Cope (1986) afirmam que é importante identificar aqueles alunos que são particularmente ansiosos na sala de aula de língua estrangeira, uma vez que a ansiedade pode ter efeitos profundos em vários aspectos da aprendizagem de LE. Por meio das respostas de 75 estudantes universitários, de aulas de espanhol iniciantes, foi possível traçar o perfil dos alunos que mais sofriam com a ansiedade linguística. É importante dizer que os autores não fazem qualquer generalização com relação ao perfil dos alunos ansiosos.

Horwitz, Horwitz e Cope (1986, p. 131) afirmam que o professor tem duas opções ao lidar com alunos ansiosos “eles podem ajudá-los a aprender a lidar com as situações provocadoras de ansiedade; ou eles podem tornar o contexto de aprendizagem menos estressante. Mas antes de tudo, o professor deve reconhecer a existência da ansiedade de LE”.

Shinge (2005), afirma que os professores têm observado alunos que têm exibido um ou mais sinais de ansiedade enquanto estão engajados em atividades diferentes, e durante níveis de instruções diferentes.

Seu estudo, também, mostra que é possível identificar os sinais mostrados pelos alunos ao sentirem-se ansiosos. Isto não significa afirmar que todo aluno ansioso mostra sinais de estar sob influência desse sentimento durante a aula.

O estudo de Gregersen (2007) mostrou que os professores e professores em treinamento são capazes de identificar com precisão os sinais não verbais da

ansiedade linguística de seus alunos. Essa precisão chega a 73% dos casos indicativos de ansiedade linguística alta e baixa.

Contrariando os estudos de Horwitz; Horwitz; Cope (1986) e Shinge (2005), Levine (2003) ao analisar as respostas de um questionário anônimo, postado na internet, respondido por 600 alunos de LE e 163 instrutores de LE, no que diz respeito a ansiedade linguística, constatou que os instrutores perceberam um nível de ansiedade dos alunos, ao usarem a língua-alvo, mais alto do que os próprios alunos responderam sentir.

Essa disparidade revela que não podemos fazer generalizações a respeito das atitudes e reações dos alunos ao sentirem-se ansiosos, mas, apenas, observar intuitivamente, que, durante determinadas atividades, nosso aluno apresenta um comportamento diferente em sala de aula. É possível que, talvez, ao passar pela situação fora da sala de aula, ele não tenha a mesma reação.

Considerações finais

Esse trabalho aponta que as ações do professor de LE podem desencadear e/ou inibir a ansiedade linguística em sala de aula. Porém, nos textos pesquisados, não encontramos evidências de que o professor se reconhecer como fonte geradora da ansiedade linguística em sala de aula de língua estrangeira.

Embora alguns estudos revelem que suas atitudes podem tornar o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, ou segunda língua, mais favorável, ou não, para incidência da ansiedade linguística, em nenhum momento, eles afirmam que o professor tem consciência de seu papel detonador, ou inibidor, da ansiedade em sala.

Os textos mencionados nesse trabalho, em sua maioria, fazem parte de estudos realizados com alunos de diversas nacionalidades, de diferentes níveis de escolarização, em ambientes onde a língua estudada era estrangeira, ou segunda língua. Apenas os estudos de Levine (2003) e Gregersen (2007) trouxeram dados revelados por professores. Levine afirma que seu estudo foi limitado, uma vez que os dados foram coletados com a ajuda de um questionário respondido por alunos e professores, e não a partir da interação de sala de aula real. Na pesquisa de Gregersen (2007), os professores assistiam a um vídeo, sem áudio, duas vezes, prestando atenção ao comportamento de sete alunos franceses iniciantes em um

curso de LE e relatavam quando eles acreditavam que os alunos estavam se sentindo ansiosos.

Os estudos sobre ansiedade na aprendizagem de uma língua estrangeira têm se preocupado em retratar os comportamentos e reações dos alunos, as situações nas quais os alunos mais experimentam esse sentimento, a habilidade da língua que mais gera ansiedade e diversos outros aspectos envolvendo a aprendizagem, ou seja, o aluno é o tema principal.

As pesquisas que abordam esse tema precisam voltar seu foco para o professor. Dessa forma, poderíamos dar mais contribuições à área ao observarmos o processo por meio de um novo olhar. Talvez, assim, fôssemos capazes de responder a perguntas, tais como: Como o professor se sente no processo? A ansiedade linguística pode realmente ser desencadeada pelo professor? É possível conscientizar o professor de seu papel detonador/inibidor de ansiedade? Por que, apesar de tantos estudos, a ansiedade está tão presente na sala de aula de LE? Existe algum aspecto fora da sala de aula causador de ansiedade linguística?

É preciso que as pesquisas sobre aprendizagem de LE preocupem-se, também, com as percepções do professor a respeito de seu papel de agente promotor/inibidor da ansiedade em sala de aula. Além disso, os resultados das pesquisas a respeito da aprendizagem de LE precisam alcançar os professores que se encontram fora do meio acadêmico, ou seja, que estão atuando apenas em sala de aula. Ao ter conhecimento dos estudos feitos até hoje, o professor pode, talvez, ter consciência de seu papel fundamental para aliviar/aumentar a ansiedade de seu aluno.

Referências

BEKLEYEN, Nilüfer. The influence of teachers and peers on foreign language classroom anxiety. *Dil Dergisi (Language Journal)*, n. 123, p. 49-66, 2004.

BROWN, D. H. *Principles of language learning and teaching*. New Jersey: Prentice Hall Regents, 1993.

CASTRO E SILVA, Myrian Lacerda. A questão da afetividade no processo de ensino/aprendizagem de LE (inglês): o que leva ao sucesso ou frustração do aprendiz. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

CHENG, Jian-Chang. The relationship to foreign language anxiety of oral performance achievement, teacher characteristics and in-class activities. 107 f. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Ming-Chuan, 2005.

CUNHA, M. C. K. A relação entre ansiedade e o desenvolvimento da competência oral em língua estrangeira. 1997, 154 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

_____, Ambiente de aprendizagem em aulas de língua estrangeira: percepções de aprendizes reveladas pela metodologia Q / Maria Carmen Knychala Cunha. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

FERUS, Christina Di M. Second language acquisition: a study of a constructivist approach to teaching versus a varied approach, and its effectiveness in a first-year Spanish class at the secondary level. 70 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Rowan, 2004.

GREGERSEN, Tammy. Breaking the code of silence: a study of teachers' nonverbal decoding accuracy of foreign language anxiety. *Language Teaching Research*, v. 11, n. 2, p. 209-221, 2007.

HORWITZ, Elaine K.; HORWITZ, Michael B.; COPE, Jo Ann. Foreign Language Classroom Anxiety. *The modern Language Journal*, v. 70, n. 2, 1986. Disponível em < <http://www.jstor.org/pss/327317> > acesso em 20/12/2009.

LEVINE, Glenn S. Student and instructor beliefs and attitudes about target language use, first language use, and anxiety: report of a questionnaire study. *The Modern Language Journal*, v. 87, n. 3, 2003. Disponível em < <http://www.jstor.org/stable/1192959> > acesso em 18/12/2009.

_____, Avaliação da aprendizagem escolar: um ato amoroso. In: LUCKESI, Cipriano C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. 14 ed, São Paulo: Cortez Editora, 2002. 168-180.

LIM, Hye-Yeon. Effects of Task Values, Attributions, and Cultural Constructs on Foreign Language Use Anxiety among International Teaching Assistants. 2004. 251 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade do Texas, Austin, 2004.

MASTRELLA, Mariana Rosa. A relação entre crenças dos aprendizes e ansiedade em sala de aula de língua inglesa: um estudo de caso. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

MACINTYRE, Peter. D.; GARDNER, Robert C. Investigating language class anxiety using the focused essay technique. *The Modern Language Journal*, v.75, p.296-304, 1991b.

MACINTYRE, P. D.; GARDNER, R.C..The effects on induced anxiety on three stages of cognitive processing in computerized vocabulary learning. *Studies in*

Second Langague Acquisition, v.16, p.1-17, 1994b.

RODRIGUES, Yarimax; DELGADO, Verônica. Assessment of EFL classroom activities and instructors'personal characteristics and behaviors as sources o foreign language anxiety. SABER – Revista Multidisciplinaria del consejo de investigación, Cumaná, v. 20, n. 2, p. 212-224, mai./ago. 2008.

SHINGE, Manjula. Interplay among anxiety, motivation, and autonomy in second language learners of French: a quantitative and qualitative study. 137 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Flórida, Flórida, 2005.

SCOVEL, T. The effect of Affect on Foreign Language Learning. Language Learning, 1978.

STEINBERG, F. S.; HORWITZ, E. K. The effect of induced anxiety on the denotative and interpretive content of second language speech. Tesol Quartely, 20, 131-136, 1986.

WANG, Nan. Beliefs about language learning and foreign language anxiety: a study of university students learning English as foreign language in Mainland China. 1998. 174 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Northwest University, Victoria, 1998.

YOUNG, Dolly J. Creating a low-anxiety classroom environment: what does language anxiety research suggest? The Modern Language Journal. V. 75, n. 3, 1991.